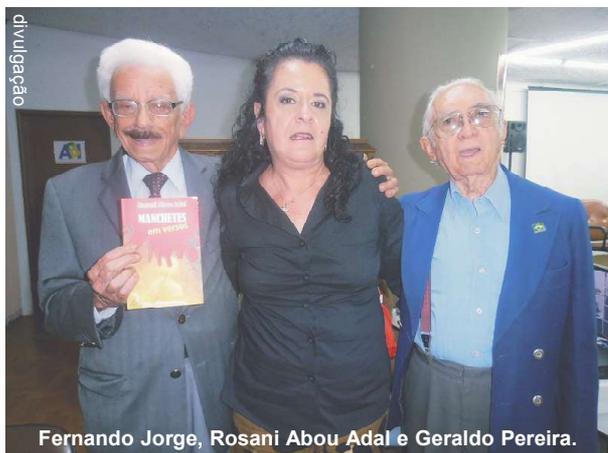




32 anos de luta e resistência



Fernando Jorge, Rosani Abou Adal e Geraldo Pereira.

No Brasil a Cultura, Educação e as nossas Letras, tratadas com des caso pelos nossos governantes, com poucos investimentos, são sempre deixadas para último plano. Editar um jornal literário, durante 32 anos, com poucos recursos, mensalmente e sem interromper a periodicidade é muito mais que um desafio. É preciso ter força e garra para lutar e resistir, uma tarefa quase que impossível.

Tivemos que transcender os próprios sonhos, a incúria dos governantes, vencer obstáculos e as duras realidades impostas pela total falta de incentivo e estímulo dos governos em todas as esferas.

Resistimos e enfrentamos as crises econômicas e políticas que assolaram nosso País; bem como o confisco das nossas contas corrente e poupança do governo Collor de Melo, entre outros confiscos (moral, dos costumes, das artes, das letras, etc.) ao longo dos 32 anos de resistência.

Mesmo diante da negligência dos governantes com relação à Cultura e Educação conseguimos sobreviver e resistir.

Driblar percalços e o descaso para com a Cultura e nossas Letras só foi possível graças ao apoio dos nossos parceiros: *A Tribuna Piracicabana* que imprime e encarta LV desde a edição número um, do Xavier, da Livraria Brandão, de Débora Novaes de Castro, da TV ArtMult Cultural, do Dr. Roberto Scarano, dos colaboradores, leitores e assinantes.

Nossos agradecimentos aos leitores e colaboradores que não deixaram *Linguagem Viva* morrer. Nenhum jornal sobrevive sem leitores.

Linguagem Viva alcançou 32 anos de circulação porque reuniu uma equipe qualificada de colaboradores que alimentam esses leitores.

Vencemos e superamos os golpes dos planos econômicos e políticos.

Sobrevivemos e cumprimos o compromisso de divulgar a Literatura brasileira com pouco espaço na mídia e ignorada pelos nossos governantes com o intuito de alimentar beócios.

Nosso objetivo sempre foi a democratização da leitura. Precisamos redemocratizá-la para saciar a sede e a fome de leitura dos brasileiros.

O Jornal

É encartado em *A Tribuna Piracicabana* e distribuído a assinantes, escritores, faculdades, professores, editoras, livrarias, bibliotecas, entidades culturais e Academias de Letras.

Fundado em setembro de 1989 por Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal. Surgiu como o objetivo de agitar o meio literário, democratizar a leitura e divulgar o escritor brasileiro com pouco acesso na mídia.

Desde a primeira edição é impresso e encartado em *A Tribuna Piracicabana*. Graças ao apoio do editor Evaldo Vicente é que foi possível manter a **linguagem viva**.

O primeiro número do LV foi encartado na edição nº 4091, Ano XVI, 12 de setembro de 1989, terça-feira, de *A Tribuna Piracicabana*. Além do encarte, também foram impressos mais 500 exemplares para nossa distribuição.

A edição número um abrigou na primeira página matéria de Adriano Nogueira sobre o saudoso Almeida Fischer, de Rosani Abou Adal sobre o registro de obras e direito autoral, a notícia sobre a entrega do *Troféu Juca Pato* a Barbosa Lima Sobrinho e anúncio do Paddock - Restaurantes.

Colaborações de Vicente de Souza, Wilson Nunes, Paulo Colina, Oswaldo de Camargo, Roque Luzzi, Caio Porfírio Carneiro, Lourdes Di Tullio, Jean Paul Mestas, Francis de Oliveira, João Alves, Orestes Turano, Ana Cristina Cesar e Cícero Acaiaba.

Até o segundo ano, o jornal circulou com seis páginas e foi produzido com impressão tipográfica, composição em linotipo e clichês para reprodução das fotos.

Na edição número 20, com 8 páginas, composição em máquinas IBM, passou a ser impresso em off-set.

No sexto ano de circulação, começou a ser composto e diagramado em computador. Mudou para impressão em rotativa e atualmente é digital.

O logotipo e os selos comemorativos dos 10, 20, 21, 25 e 30 anos do jornal foram criados por Xavier - Xavi (Sebastião Xavier de Lima).

O jornal promoveu eventos, debates e palestras e publicou edições especiais.

Abrija edições impressas e online em www.linguagemviva.com.br.

Os Editores

Adriano Nogueira (1928 - 2004), escritor, poeta e advogado, editou o jornal até a edição nº 178, junho de 2004, mês do seu falecimento, aos 23 dias, em Piracicaba.

Rosani Abou Adal, escritora, poeta, publicitária e jornalista, passou a editar o jornal sozinha desde a edição nº 179, julho de 2004.

Os editores receberam certificado da International Writers and Artists de participação da International Literary Magazine, diploma de Mérito Cultural da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro e moção da Câmara dos Vereadores de Piracicaba pelos serviços prestados à Cultura.

Linguagem Viva recebeu Voto de Jubilo da Câmara Municipal de São Paulo pelo aniversário de 20 anos. Agraciado com diploma de Mérito Cultural e medalha do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais - MG, com diploma de mérito cultural da Ordem dos Velhos Jornalistas e diploma de honra ao mérito do Movimento Poético em São Paulo.

Nosso eterno agradecimento aos parceiros Débora Novaes de Castro, Livraria Sebo Brandão de São Paulo, Dr. Genésio Pereira Filho (in memória), Antonio Costella, José Eduardo Mendes Camargo e Dr. Roberto Scarano.

Gratidão aos gurus Caio Porfírio Carneiro, Henrique L. Alves, Jorge Medauar e Paulo Dantas (in memoriam), Geraldo Pereira e Fernando Jorge.

O apoio - dos nossos parceiros, colaboradores e leitores - foi imprescindível para alcançarmos 32 anos de resistência.

Será essencial para que possamos continuar a luta pela (re)democratização do livro e da leitura.



As mãos persistentes do equilibrista

Evaldo Balbino

Isto aqui não é um lamento. É o vagar de um corpo sobre precipícios em cujas beiras existem flores, algumas pedras que são duras e que por isso mesmo servem de apoio para pés e mãos que tentam viver. Tentam viver como se estivessem levitando. Viver da palavra, não no sentido monetário da sobrevivência, mas no sentido da vida de que se precisa, do ar que se respira.

E meu corpo passeia nuvens, se equilibra num mundo onde tudo é tão múltiplo, onde há tanto ruído e onde é tão difícil sentir o silêncio do que realmente fala. Existem muitos barulhos, bocas falam, olhos e braços gesticulam. As pessoas, no entanto, não se comunicam.

Olho para o vácuo sob meus pés e não vejo chão que me sustente, segurança que me apoie. Vejo um escuro descendo, cada vez mais. Mas insisto! Vejo nas beiradas desse escuro denso e profundo, vejo bem ali nas laterais as flores crescendo fortes, as ramas rompendo a secura das rochas, os ninhos de algumas aves que vivem porque a vida é bela e urgente. Vejo pedras, cascalhos plantados nas ribanceiras e servindo de apoio para meus pés e mãos.

Logo eu que não sei fazer rapel, que não escalo montanhas, que tenho medo de alturas e patamares terríveis! Logo eu que não tenho asas, que não sou pássaro nem máquina voadora! Mesmo assim estou aqui, levitando sobre um escuro indiferente ao meu desejo de luz.

Sou aquele que vigia, que observa. Sou sentinela. Me sinto um lugar elevado de onde se observa ou se vigia. Sou mesmo este lugar.

E com meu corpo solto pelo espaço, vou atravessando os ruídos que pouco ou nada comunicam, vou tentando falar no meio de gritos, de burburinhos, de sons tantos e tontos. Sons tão pouco amáveis.

Eu vou escrevendo. Escrever é andar nesta corda bamba. Escrever, no meu caso, é insistir na grafia poética e humana das letras, mesmo que inexatos sejam os modos de lançar essas letras para o ar. Sim, sou desengonçado, um mero corpo humano tentando salvar a si e aos outros em sua inteireza. Corpos que são matéria, mas que também são alma.

As palavras, lanço-as como sementes aéreas. São tantos os pássaros, mas quase todos têm pressa de voar, de debandar, de chegar a algum destino. E quase todos não se dão con-

ta de que não há destino algum a não ser em nós mesmos. Em nós mesmos nos olhando, nos amando, nos falando e olhando nos olhos uns dos outros, com vagar, com contemplação. Contemplar está ficando cada vez mais difícil. O mundo tem pressa e por isso mesmo despreza (sem perceber) as sementes que lhe chegam. Na velocidade da vida, nós nos perdemos.

E eu vou escrevendo, lançando essas sementes que se lançam contra muros e que desejam penetrar-lhes as entranhas impenetráveis. Um desejo de que a poesia seja entranhável me toma. As sementes precisam abrolhar amores. Vou escrevendo, apesar dos ruídos, das pressas, das vidas presas em utilidades ilusórias. Vou lançando sementes, não obstante as debandadas dos pássaros. E amo esses passarinhos! Do mesmo jeito amo as sementes que são crias deles. As palavras são ovo e promessa que engendramos num desejo de compreender e de sentir a vida.

Vou escrevendo, vou prosseguindo nesta corda bamba. Sou um equilibrista. O escuro é surdo, muitas vezes. Mas quem sabe um dia ele me ouvirá. Lanço-lhe sementes, e dele haverá de brotarem um dia flores verdes, alegrias tantas, almas plenas e doces para aquilo que é luz em nós. Ficarão dispostas, estas almas, a se deslumbrarem com tanta luz. Luz que ilumina com beleza a vida.

Vou escrevendo num mundo belo e sofrido, vendo pelas frestas das palavras os corações que batem. E com isso dou ao mundo o meu ato de coragem. Porque escrever é ter coragem de me manter como um dos atalaia da alma. Da minha, da nossa alma. Eu me sonho, escrevendo, um guardador de letras, esses rebanhos que nos apascentam, que nos mandam para um campo vasto e cheio de espinhos, mas cheio também de caminhos para as trilhas vitais.

Não é fácil persistir num mundo em que a literatura é só ornamento, avenca sem função nenhuma numa parede. E quanta função tem uma avenca, meu Deus! Com suas folhas frágeis, ela enfeita o meu dia e a minha noite. Enfeita o meu ato de olhar. E incide sobre o que olho uma outra possibilidade, uma inquieta luz.

Mas estamos na vida é para persistir, não é mesmo?! Devemos persistir no que amamos!!

Evaldo Balbino é escritor, poeta e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: evaldo_balbino@yahoo.com.br

não deixemos roubar também
a nossa alegria
um coração triste não se rebela
o riso incomoda o sistema
desnorreia quem usa o medo
como arma de ataque
o riso é a nossa alma poderosa
desconcerta os donos do poder
o riso é subversivo
não se vende nem se presta
a fazer hora extra em porão oficial
o riso é palavra bem dita
é o desconforto
de quem quer dominar
esgarçemos o riso na fuça
de quem nos prepara a arapuca
vamos rir aos borbotões
até desconfiarem de nossa loucura
e não ligarem para o nosso riso
que silencioso desarma o ódio



Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta. Ex-dirigente do Sinergia - Florianópolis (SC). Tem 7 livros publicados. Dentre os quais: Cem poemas (editora da UFSC) e Inventário de Auroras (Costelas Felinas editora).

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



A escrita em modo combativo

Sérgio Tavares

Crítico de respeito e, acima de tudo, um leitor de vasto alcance, Ronaldo Cagiano chegou a um nível de apercepção em que seu conhecimento literário é o moinho ao mesmo tempo que a matéria de sua produção artística. Seus escritos são produtos da união entre experiência do vivido e componente imaginativo, a partir da qual se destaca uma intertextualidade que não é estabelecida através da fria superposição ou do empréstimo, e sim dos livros e dos autores que abrasam sua formação cultural e visão de mundo.

Tal procedimento é facilmente observado em *Todos os desertos: e depois?*, sua mais recente seleta de contos. Para além da formulação do argumento, cada enredo traz o compromisso de abrigar as referências, as influências e os tributos do autor, como que imantados por um signo pessoal mediante o qual a ficção se sustenta numa literariedade que visa se repercutir no leitor. Porém não através de um didatismo barato e arrogante, mas de pontes que conectam a leitura a outras leituras fora dos limites paginados.

Cagiano demonstra uma lealdade inabalável à bibliografia afetiva da qual se abasteceu a todos esses anos, repassando e reverenciando as matrizes elementares ao seu processo de composição. Não por menos, faz questão de mapear a antologia com citações de autores que, por conta de circunstâncias variadas e obscuras que fizeram com que suas obras não alcançassem uma notoriedade merecida, possam chegar até o leitor, ainda que por meio de luminosos fragmentos.

É um livro de dezenove textos e dezenas de outros filiados, uma coletividade que, de uma forma sumária, trata desta possibilidade de perpetuação através da literatura, de continuar ao longo, de ser transmissível, de prevalecer numa hora dissonante, aqui, mas existindo em outra latitude, como escreveu Jeter Neves. O ofício da escrita na qualidade da manifestação mais germinal e libertária, pela qual

se pode dialogar consigo e com aqueles que lhe precederam, uma voz que segue, quando a vida não mais está. Por este prisma, a definição, se necessária, de um tema central seria o tempo. A permanência diante da areia da ampulheta, a finitude explorada em suas múltiplas noções.

É o caso de "Invasora", narrativa que abre a antologia. Uma barata com uma consciência kafkiana, encafuada em meio aos bancos de uma igreja, desvela as mentiras e os segredos dos fiéis e do sacerdote, refletindo se vale existir após uma hecatombe com a vidência da sujidade da vida. "Óbito nº 75.888" acompanha o descaso das pessoas que orbitam um serventuário desaparecido, fazendo uma elegia a um escritor real que morreu solitário e esquecido, desprezado igual a maioria dos escritores no Brasil. Enquanto "No banco" se constitui de um diálogo amargo entre dois funcionários acerca da tecnologia e dos prazos infernizando a humanidade, com citação designativa a Luiz Vilela.

Escritor com vivência em cidades dentro e fora do país, suas histórias se passam em lugares que residiu e lhe emprestou suas idiossincrasias, revisitando, como de costume, o cantão mineiro de Cataguases, município onde nasceu e lhe recruta para sua atmosfera memorialista. Outro aspecto identitário é a inquietação decifrável em seu fazer literário, transparecendo sua posição política, seu inconformismo, sua adoção ao uso do mecanismo inventivo como dispositivo de força combativa tanto simbólica quanto social.

"Espectro dissonante" exuma os ossos da ditadura militar, os fantasmas tirados de armários na última eleição que voltam a vilipendiar o povo brasileiro, contra os quais a voz narrativa vibra em falas duras que parecem dublar a opinião de seu criador. Um ato de protesto contra o apagamento daqueles que foram trucidados "sob ordens de Médiçi, Costa e Silva, Fleury e Brilhante Ustra", um apelo de esperança que se verbaliza numa sentença ambígua: "Deus é muito longe".

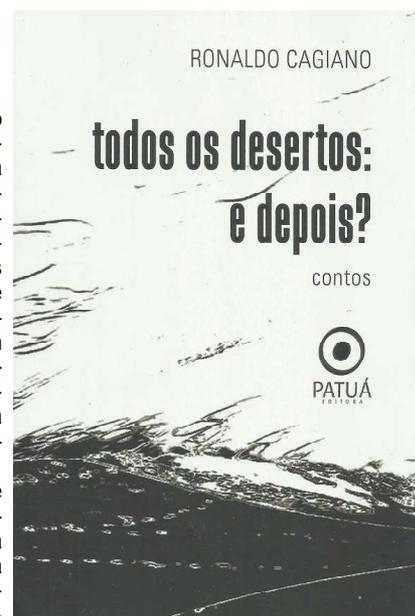
Situada nesta bifurcação entre o aterro histórico e o magma filosófico, a vida moderna é derivada de uma matéria inerte, uma náusea e uma indisposição orientada por pensamentos sartrianos e nietzschianos segundo os quais a verdade não passa de uma ilusão, "viver é irremediável". "Homem invisível, cidade proibida" narra a asfixia de um cidadão incauto consumido pela Brasília que nasce; "Paralelo 16: Miragens" é a Brasília com dentes, febril e selvagem, onde "se é obrigado a fazer das tripas coração, de vender a mãe para manter o emprego". A trilogia candanga se fecha com "Via-crúcis", a Brasília que desnatura aos poucos, convertendo a carne em massa burocrática.

Na mesma proporção em que as agruras sociais são contadas de dentro, a comunicação com outras obras buscam retratar o estar vivo numa mundanidade estéril e massacrante. "O mundo lá fora" soa como um trecho desgarrado de *Esperando Godot*. Em "O enfermeiro acidental", o paralelismo é com o conto machadiano "O enfermeiro", no qual um sujeito aceita o emprego de cuidar de um coronel de temperamento difícil, levando a estudo sobre a degeneração. "Constantinopla" é um passeio nervoso pelas mazelas que atraem o passado, estabelecendo convergências com as narrativas de "Hóspede secreto", coletânea de Miguel Sanchez Neto, incursões assombradas pelo espectro da melancolia. "Há uma tristeza comprida nisso tudo e não me sinto à vontade no

agora", declara o personagem-narrador.

Todos os desertos: e depois? semeia a visão consciente de um autor completo através de recortes da problemática moderna, buscando um espelhamento para seu desconforto e inquietude na literatura. Um processo de criação rigoroso, no qual o imaginário adquire a consistência do real para questionar os contextos político, social e cultural, e transcender as margens do texto de modo que, a partir de sua rede de referências, o leitor possa enriquecer e ampliar seu plano de reflexão.

Sérgio Tavares é escritor, jornalista e crítico literário. Dirige a revista eletrônica *A nova crítica*. Autor, dentre outros, de *Cavala* (Prêmio SESC de Literatura, 2010, Contos).



Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



NEURAS

Hilda Mendonça

Não farei concessões
a mim
a ti
a ninguém.

o teu medo
é o meu medo
o nosso medo,
o mesmo medo irracional
que aniquila,
encolhe-nos ao canto.

Seca a boca arregala os olhos
Cobertos por máscara
O medo medonho.
Vejo medo em todos os rostos que cruzo.
Para escapar ao medo
aqueles que se julgam fortes
poteiam quem se queda fraco

medo da guerra
do míssil
da explosão
da bactéria

Do Vírus
Do Corona
da doença
do terror
da morte
morremos de mil medos mil vezes
pois o medo se infiltrou nesta geração.
2020-21- cessará?
Vejo medo em todos os rostos
Do Vírus
Do Corona
da doença
do terror
da morte
morremos de mil medos mil vezes
pois o medo se infiltrou nesta geração.
2020-21 - cessará?

Hilda Mendonça é escritora, professora,
membro fundadora da Associação Cultural
dos Escritores de Passos e Região e da
Academia Taguatinguense de Letras - DF.

Regresso

Flora Figueiredo

Chego de distâncias.
Da Natureza e suas inconstâncias,
do dedo de Deus e Sua competência.
Volto da ausência
com olhos coloridos
e folhas novas para forração do ninho.
Pouso.
Metade mulher, metade passarinho.

(In *Páginas Viradas de um Abril Qualquer*)

Flora Figueiredo é escritora, cronista,
poeta, jornalista, tradutora e compositora.
Autora de *Chão de Vento, Limão Rosa,*
Florescência, entre outros livros.

MÚSICA E SILÊNCIO

Raymundo Farias de Oliveira

Estou aqui assustado
escondido na minha torre nonagenária!...
Espio lá fora
e vejo o mundo vestido
de tristeza vertendo lágrimas
por tantos que foram embora
levados pela pandemia do coronavírus...
É hora de meditações transcendentais
Orações noturnas e matinais
música e silêncio...
- piano – trompas – clarinetas
– violinos - violoncelos...
música suaviza dores e saudades
Ouço a linguagem dos instrumentos
e “viajo” por caminhos celestiais
bordados de estrelas...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor,
poeta, cronista e procurador do Estado
aposentado. Autor de *Sob o Céu de*
Jerusalém, Poemas da Madrugada,
entre outras obras.

Camalotes

Raquel Naveira

Na cheia
Os camalotes bóiam,
Estufados corpos aquáticos
Que a correnteza leva;
Conjunto de leques duros,
Verdes,
Que se dissolvem no silêncio;
Aqui e ali um buquê de flores
Arrebenta lilás;
A malha fina de raízes
Apanha peixes,
Escamas,
Pés delicados de pássaros que pousam;
A canoa de folhas
Navega sem leme
Rumo à foz,
À pedra,
Ao mar que espreme
E espuma.

Raquel Naveira é escritora e Mestre em
Comunicação e Letras pela Universidade
Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.
Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense
de Letras e ao PEN Clube do Brasil.

A TRINDADE

Alaer Garcia

Na religião
Pai- filho- e espírito santo
Na engenharia da casa:
Alicerce-parede- telhado
Na linguagem:
Sujeito-verbo-predicado
Na medicina- no corpo
Cabeça- tronco- membro
Na filo de Sto. Agostinho
Recordar- entender- desejar
Na ética
Quero-posso-devo
Minha filosofia
Percepção-assimilação- comunicação
Alaer Garcia, escritor e médico, é autor de
Sem Solidão não há Solução, Armaduras e
Armadilhas, entre outros livros.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294
soninhaabou@gmail.com

Manchetes em Versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier
Prefácio de Raquel Naveira

Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>





A Luxúria da Miséria

Rosani Abou Adal

O ouro da luxúria em contraste
com o ouro da miséria.
Pregadores de palavras sem fé discursam
para os flagelos humanos sobre as calçadas.
A maioria não escuta frases profanas.
A única palavra traduzida em seu
dicionário interior é a miséria habitante
da sua alma que resplandece
entre a Catedral e a Sé.
Placas com propagandas da luxúria fazem contraponto
com os cartazes de vaquinhas para a cachaça.
Aceitam pix e cartões.
Barracas habitadas de famílias sem casas
fazem um novo desenho na praça.
A fome é saciada pela marmita doada,
entretanto a fome habitante
do seu coração é insaciável.
Um homem sem nome, eira nem beira,
sacia o banho minguado na torneira
instalada em frente ao Pateo do Colégio.
Ele transcende na água o instante
da fragilidade do tempo humano
- um sopro frágil em recortes -
repleto da esperança irmanada
pelo badalar do meio dia do sino da Sé.
A Caixa Econômica apenas penhora
o ouro da luxúria.
O ouro do interior da alma crackelada
de fome, sonhos e miséria é impenhorável.
Uma senhora lava os pés,
as mãos, o corpo no chafariz
e volta a sorrir esperançosa pela vida.
Os brotos das sementes humanas,
suas flores e frutos,
o início de uma nova era mais acolhedora,
repleta de cores e esperanças.
Enfrenta a fila imensa para
conseguir uma marmita.
Sacia a fome e a sede.
De barriga cheia, deita na cobertura
embaixo da marquise e abraça
o roedor companheiro da noite.
Fecham os olhos e sonham
com um novo amanhecer
sem os ratos donos do poder,
roedores dos farelos das suas almas.
A cidade amanheceu azul
repleta de flores humanas e de solidariedade.

Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, poeta e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. www.poetarosani.com.br

Haicais Modernos ou Livres

Noélia Ribeiro

Débora Novaes de Castro

concha perolada
descoberta pelos ventos
soprar das areias

os chorões e eu
esperanças derramadas
lágrimas verdes

pedra na água
olhos molhados
espiam e fogem

In *Soprar das Areias*

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP, 2004.

www.deboranovaesdecastro.com.br

Secador na cabeça.
Batom nude.
Sombra cintilante.

Dedos esticados.
Unhas cor-de-rosa.
Óleo secante.

Som de TV na parede:
*Polícia atira
bomba na mão
de manifestante.*

Dedos na grama.

Na plaqueta do caixa:
*Manicure grátis
às aniversariantes.*

Noélia Ribeiro é escritora e poeta. Graduada em Letras na UnB, com pós-graduação em Linguística, no UniCeub. nmariarsilva@hotmail.com

O livro E EU SEI FAZER VERSOS?
autoria de Lóla Prata, explica cerca de 80 modalidades poéticas.



R\$ 35,00 com suplemento atualizado.
Encomendar para lola@prtagarcia.com

CANTIGAS DE AMIGOS BORBOLETAS

Maria de Lourdes Alba

Borboletas voam
Levam o pólen da vida
Salvação das matas
Em harmonia divina
Descem as cascatas
Pura água em solo pedregulho
Rastejam margeiam os vales
Contornos da vastidão
Borboletas voam voam
Sabe Deus até onde e quando
Vivem para a natureza florir
O encanto para os meus olhos

(In *Quatro quartos*)

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.



CURVELLO

Nelson Marzullo Tangerini

[Comunicado a meu amigo e irmão Roberto Carlos Costa de Oliveira]

Um vento gelado neste final de tarde
me leva à triste canção,
escrita em Curvello,
pequena cidade das Minas Gerais.

Fotografias da fogueira inquisitória
- perdidas –
que o tempo não traz de volta
e não se pode revelar.

Aquele amigo se foi
e eu queria dizer-lhe
que sua preciosa vida
- diamante –
podia ser longa e bela.

Ficam na memória
aqueles momentos
em que a felicidade,
fruto da amizade, brilhava
em nossos corações
imaturos.

Trens fantasmas, ferrovias
e um carro quase assassino, impiedoso, veloz,
tentando tirar a vida
de nosso irmão Nelson Maia Schocair.

A árvore dos enforcados, robusta, altiva,
cheia de vida,
conta histórias de mortes,
enquanto vozes, desesperadas, tentam
nos pedir socorro.

Por que pensar nisto, agora?
Por que pensar, agora,
naquele amigo que não está mais presente
entre nós?

Um vento gelado
leva a tarde,
a minha canção,
a minha lembrança
- pedra no meio do caminho -,
do meu amigo ausente,
presente para sempre
em meu coração.

Nelson Marzullo Tangerini é escritor, professor, jornalista e poeta. nmtangerini@yahoo.com.br

As trilhas originárias da vida

(Para as amigas de trilha Denise, Evelyn, Márcia e Mônica.)

Alexandra Vieira de Almeida

A matéria e a alma da natureza estão no encontro dos seres, em fluxo de um rio em contínua evolução. Os caminhos e as trilhas na floresta imantada pela luz do sol criam o espectro dos símbolos carnavais. A eternidade constrói os castelos verdes das redes de amor e claridade. O cume é o voo pelos versos embebidos pelas águas do choro dos deuses. A chama dos olhos nas rotas da floresta encanta as árvores em procissão dos mitos. Na origem das trilhas, a energia se solidifica pela amizade perene, qual pássaros em peregrinação no espaço, com as asas incandescentes, ultrapassando as ruínas das sombras. O chão de memórias toca o céu adormecido pelos lençóis do ontem. O presente se abre no ouro fino da rara beleza, transformada em alma inaugural pela terra íngreme que percorre os olhos de dentro, como lamparinas acesas pelas bocas que criam um mosaico de vozes e silêncio. O sacrário da natureza é o segredo das falas em uníssono nas flechas certeiras que atingem o centro da flor tácita. As manchas brancas e vermelhas nos troncos são o prenúncio do sopro divino da pureza em desfazer os nós das tramas imperfeitas. Uma alquimia de cores no outono da história dos

sons e imagens da natureza. Ultrapassar os difíceis acessos dos caminhos é açoitar a noite e trazer de volta o dia em física e metafísica amorosa, na solarização dos corpos em fogo abrasador do novo a cortar os endurecidos ditames da rude derrota. No encontro das almas e das carnalidades, se desfaz a lágrima da morte com sua foice de estrábica aflição. O amor dos seres nas trilhas perfeitas da natureza esculpe vazios preenchidos pelas vozes sonoras da música que vêm dos corpos em êxtase nas profundezas da comunhão entre o céu e a terra em desvario eterno. O cálice do solo se enche do vinho maduro que vem de um firmamento engendrado pela respiração dos anjos, velando os versos que nascem das mãos e dos pés ao ferirem as trilhas sagradas pela hóstia dos corpos. O movimento incessante que se pausa na água do destino e no alimento da carne e da alma cria os sentidos mais amplos das amizades em riso e no despertar da vitalidade. O fecundo encontro dos seres abre os caminhos da matéria divinamente solidificada pelo dom de criar a poesia e a música em meio à natureza. Poesia e música na montanha da memória originária da vida.

Alexandra Vieira de Almeida é escritora, poeta, contista, cronista e Doutora em Literatura Comparada (UERJ).

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



recusa

Dalila Teles Veras

há qualquer coisa de interlúdio nesta ópera trágica/bufo sem libreto só prelúdio para a qual não fui convidada

não ouço não quero não vou

Dalila Teles Veras é escritora, poeta, editora e ativista cultural. Autora de tempo em fúria, entre outras obras.
www.dalila.telesveras.nom.br/

O SONHO

Sonia Sales

Quero renascer como anjo com asas de cores fulgurantes procurando o túnel da vida com princípio, mas sem fim deixando o perecível, o nojo coberto com a teia do invisível sem vestir a túnica fétida vivendo a esperança irrisória.

A verdade não importa o sonho corroído de incertezas ainda assim vale a pena.

Sonia Sales é escritora, poeta e membro da Academia Carioca de Letras, do Instituto Histórico e do Geográfico de São Paulo.

Livros

Cataguases Século XX antes & depois, de Ronaldo Werneck, Editora Tipografia Musical, São Paulo, 312 páginas, R\$ 70,00. ISBN: 978-65-87867-09-0.

A produção da obra contou com o apoio dos editais da Lei Aldir Blanc, no âmbito do estado de Minas Gerais, 2020.

O autor é poeta, cronista, ensaísta, jornalista e crítico. Autor de *momento vivo*, poemas, entre outras obras.

Segundo o ex-secretário de Cultura de Minas Gerais e atual prefeito de Ouro Preto, Angelo Oswaldo: "Verso de Ascânio, delírio de Fusco, nostalgia de Guilhermino, arte de Chico Peixoto, raiz de Enrique, catarata de Mauro, amor de Francisco Marcelo, saudade de Celina Ferreira, luz de Lina, ícone de Branco, espanto de Ruffato, paixão de Ronaldo Werneck. Uma cidade povoada de poetas faz com que um deles, Werneck, tome o fio da História, ilumine a Memória e celebre a "poesia nossa de cada dia", ao trazer para este livro a narrativa poética da saga da Meia-Pataca e Cataguases inteira."

Editora Tipografia Musical: www.tipografiamusical.com.br



Trovas

Naquele dia tristonho
puseste os olhos nos meus;
vivi na tarde do sonho,
morri na noite do adeus!

Maria Thereza Cavalheiro (25-01-1929 / 02-09-2018) foi co-fundadora e a primeira presidente da UBT (União Brasileira de Trovadores), seção São Paulo.

Solitário, junto à margem
chora, saudoso, o salgueiro:
parecem vir da ramagem
as águas do rio inteiro!

Amaryllis Schloenbach é escritora, cronista, jornalista, advogada e tradutora. Formada em Letras.
amarylliss@uol.com.br

AnteVerbo

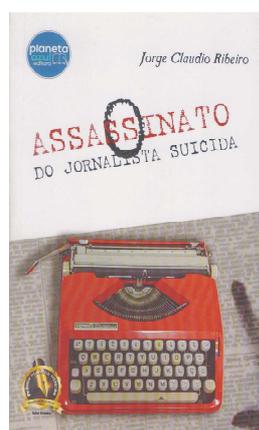
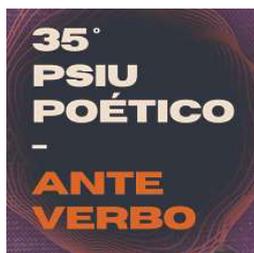
O 35º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético, com o tema "AnteVerbo", será realizado de 4 (Dia Municipal da Poesia em Montes Claros/MG) a 12 de outubro, nas plataformas digitais e redes sociais do Festival.

É promovido pelo Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética, em parceria com a Prefeitura de Montes Claros-MG, Secretaria de Cultura, Centro Cultural Hermes de Paula, Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Virtual Montes – Cursos de Informática e Agência Elefantte.

O Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético tem como objetivo o fomento à pluralidade. Não é um concurso e tem como princípio básico celebrar a poesia, promover o encontro de poetas artistas e abrir espaço para novos & demais artistas ocuparem espaços, podendo conhecer, discutir, apresentar a produção artística contemporânea, aproximando-se desse público amplo de estudantes, educadores, leitores, atores, performers, escritores e demais pessoas interessadas.

Em razão da pandemia do COVID-19, será realizado através das plataformas digitais, redes sociais do Psiu Poético e do canal no YouTube.

Todas as atividades serão transmitidas através do Youtube, páginas oficiais do Instagram e Facebook. <http://www.psiupoetico.com.br/>



O Assassino do Jornalista Suicida, romance de Jorge Claudio Ribeiro, Planeta Azul Editora, 88 páginas, São Paulo. ISBN: 978-65-86180-80-0.

A obra foi agraciada com o Prêmio Planeta Litterae de Melhor Escritor - São Paulo, promovido pela Planeta Azul Editora.

O autor é escritor, jornalista, professor universitário e editor. Autor de *A festa do povo - pedagogia de resistência*, *oração DoCente*, entre outras importantes obras.

O jornalista Fernão Filho se suicida e, por pressão da viúva Halina, o redator Loro do jornal *O Liberal* investiga as pistas que conduziram a esse final. Loro se envolve com Halina e com a repórter Bea. Depara-se com testemunhas de recentes transformações na imprensa. Os personagens vão amadurecendo suas convicções, visão do mundo e da vida.

Planeta Azul Editora: www.planetazuleditora.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Abguar Bastos e Reginaldo Dutra

Abguar Bastos e o "Reino da Castanha": reflexões sobre Educação e Política na Amazônia, Defesa de Dissertação de Mestrado, de Dinalva da Silva Corrêa, será realizada no dia 30 de setembro, às 9h30, via Google Meet. Orientadora: Dra. Denise de Souza Simões Rodrigues. Banca Examinadora: Dra. Josebel Akel Fares, Dr. Paulo Jorge Martins Nunes e Dr. Joel Cardoso. Abguar Bastos, escritor, poeta, jornalista, historiador, sociólogo, político, jurista e folclorista, nasceu em 22 de novembro de 1902, em Belém (PA). Faleceu em 26 de março de 1995, em São Paulo (SP). Foi colaborador de *Linguagem Viva*. As edições do jornal que abrigaram suas colaborações, os artigos sobre o autor de *Somanlu*, *o Viajante da Estrela* e a especial em homenagem aos 90 anos de Abguar Bastos (nº 40, dezembro de 1992, Ano IV) foram enviadas à mestrandia e ao neto do saudoso colaborador Flávio de Leão Bastos. As referidas edições serão utilizadas para a elaboração da biografia de Abguar Bastos que será produzida por Dinalva da Silva Corrêa e Flávio de Leão Bastos.

Anna Luiza Cardoso foi agraciada com o Prêmio Jovens Talentos 2020/2021 com *A vida secreta de Eurídice Gusmão* (Companhia das Letras).

profunda das relações humanas e os entraves do cotidiano.

Tarcísio Padilha, professor, escritor, filósofo e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 9 de setembro, no Rio de Janeiro, vítima de COVID-19. Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 17 de abril de 1928. Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi professor titular de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Exerceu os cargos de Presidente da Academia Brasileira de Letras, do Centro Dom Vital e da Comissão de Planejamento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; de Vice-Presidente da Union Mondiale des Sociétés Catholiques de Philosophie e da Asociación Interamericana de Filosofía. Agraciado com o título de Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres, com o Prêmio Nacional de Filosofia, com Ordem do Mérito do Livro pela Fundação Biblioteca Nacional, entre outras importantes lãureas. Autor de *História e Filosofia, Literatura e Filosofia*, entre outras obras.

Marcelo Mirisola lançou *A fé que perdi nos cães*, contos e crônicas, pela Editora Reformatório. www.reformatorio.com.br

A Filipinha 2021, destinada à literatura infantil e juvenil, será realizada 22 a 27 de novembro, em Paraty (RJ).

Notícias

Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, escritor e professor, lançou, pela Editora Nova Fronteira, *Fatos e Dúvidas de Linguagem* - o primeiro livro da série de três volumes intitulada *Uma Vida Entre Palavras* - reúne estudos publicados que detalham a vida acadêmica e profissional e sua vivência em sala de aula.

Wilson Luques Costa, escritor, poeta jornalista e professor, foi eleito um dos cinco Destaques Literários 2021 (Top Five), na categoria Ensino e Pesquisa, com o ensaio *O Paradoxo do Zero*, pela Academia Internacional de Literatura Brasileira - Focus Brasil NY.

Momento Literário, evento coordenado por Edgar Pereira Louzi e Arsênio Eduardo Correia, realizado no dia 25 de agosto, no Cama & Café, Rua Roberto Simonsen, 79, em São Paulo, contou com as participações de Carlos Moura, Edgar Pereira Louzi, Gláfrica Menezes Corti, Lourdes Borelli, Maria Cecília Pinto, Meme Westphal, Rosani Abou Adal e Selma Partti Spinelli. O próximo evento será realizado no dia 28 de setembro, às 11h30, no Restaurante Cama & Café.

Graham Lawton, jornalista da revista britânica *New Scientist*, lançou *A Origem de (Quase) Todas as Coisas* pela Editora Seoman.

Diamela Eltit, escritora chilena e professora universitária, foi agraciada com o Prêmio Literário em Línguas Românicas da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México. A autora de *Forças especiais* receberá o prêmio, no valor de US\$ 150 mil, no dia 27 de novembro, na abertura da Feira de Guadalajara.

A Rosa de Ninguém, de Paul Celan, foi lançada em edição bilíngue, com tradução de Mauricio Mendonça Cardoso, pela Editora 34.

Gabriel Sanpêra lançou *A Ossada de um moleque*, contos, pela Oríki Editora, com apresentação de Simone Ricco.

Raul de Taunay lançou o romance *Meu Brasil Angolano*, pela Editora Pandorga, que tem como cenário a cidade de Luanda, em 1992. Na ocasião, o autor, em missão diplomática, presenciou a guerra civil que durou décadas.

A Academia de Letras de Campos do Jordão realizará sessão, no dia 25 de setembro, às 15 horas, na Câmara Municipal de Campos do Jordão. O acadêmico e médico cardiologista Carlos Alberto Machado proferirá palestra sobre o tema "Complicações Pós-Pandemia". A acadêmica Rosani Abou Adal falará sobre os 32 anos do jornal *Linguagem Viva*. Entregará para o acervo da hemeroteca municipal a coleção completa do *Linguagem Viva* para que Campos do Jordão possa eternizar o jornal.

Joaquim Rubens Fontes lançou o romance policial *Ambição que Mata* que está à venda na Amazon.

Gustavo Miotti lançou *Crônicas de uma Pandemia – Reflexões de um Idealista* pela Editora Buqui.

Alexandre Gossn lançou o ensaio *Chapados de Cloroquina*, em edição impressa e ebook, pela Editora Autografia. O autor apresenta reflexões sobre as causas de uma segunda epidemia em nossa sociedade: o narcisismo e a falta de empatia com nossos semelhantes.

A Livraria da Vila inaugurou loja no Shopping Center Norte, Travessa Casalbuono, 120, em São Paulo.

Claudio Willer ministra cursos online sobre Rimbaud, Piva, surrealismo e geração beat. claudiowiller.wordpress.com/ Informações: cjwiller@uol.com.br

Lucia F. Moro lançou o romance erótico *UM – Trilogia Infinito* pela Literare Books International.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil divulgou a relação das 94 obras, da produção de 2020, que foram selecionadas com o selo Altamente Recomendável FNLIJ de 2021. Estão disponíveis em <https://drive.google.com/.../1UOp2.../view...>

O Troféu HQMix realizará solenidade de entrega da lãurea no dia 27 de novembro, com transmissão nas redes sociais do Sesc. A estatueta da 33ª edição, criada pelo artista plástico Wilson Iguati, é a Bru-xinha Atrapalhada da desenhista Eva Furnari.

A Livraria Leitura inaugurou mais uma loja no Shopping Jardim Sul, no bairro Morumbi, em São Paulo.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

